

Paolo Conte

32 anos de jazz

Sua voz é rouca, por vezes entorpecida. A testa, franzida, combina-se com o bigode vasto e grisalho para reforçar a silhueta de mistério e introspecção. Esse ar reservado, no entanto, parece ser pura fachada. Sério e compenetrado quando está no palco, o jazzista Paolo Conte recebe com simpatia o carinho de fãs, acumulado em décadas de sucesso. Essa trajetória é comemorada este ano com o lançamento, em sua Itália natal, de uma coletânea que reúne o repertório de álbuns feitos entre 1974 e 1982.

Conte aborda principalmente o cotidiano. De maneira crítica, e com especial destaque à alma feminina, suas letras são mescladas a piano, percussão e instrumentos de sopro. Os ritmos latinos dão toques especiais à característica sonoridade que o acompanha. Nascido na pequena Asti, no nordeste da Itália, em janeiro de 1937, Conte iniciou-se na música ainda jovem,

demonstrando especial interesse pelo jazz. Munido de um vibrafone - instrumento de percussão baseado no xilofone -, deu início às suas primeiras excursões musicais ao lado de bandas locais.

As composições próprias vieram aos poucos. Primeiro em parceria com o irmão mais novo, Giorgio, e depois sozinho. Na época, no entanto, suas canções ganhavam vida nas vozes de intérpretes já consagrados como Caterina Caselli e Adriano Celentano. Foi apenas aos 37 anos que lançou seu primeiro disco, intitulado “Paolo Conte”.

Mas o reconhecimento junto ao grande público veio por meio da publicidade. Em 1979, a faixa “Un gelato al limon” foi incluída em um comercial de sorvetes e ganhou visibilidade nacional.

Foi nessa época que a historiadora Zuleika Alvim, 65, autora do livro “Brava gente! Os italianos em São Paulo (1870-1920)”, entrou em contato com o

O músico italiano é mestre no scat: du-dus, bums e zá-zás.

trabalho de Conte. “Sou fã de carteirinha. Conheci bem no comecinho, no primeiro disco, e comprei todos depois”, conta ela, que morou na Itália entre 1979 e 1981.

Ao todo, o jazzista possui mais de vinte lançamentos, entre LPs, CDs e DVDs, e a cada novo trabalho sua base de fãs aumenta. Em meados da década de 1980, obteve grande sucesso na França com uma turnê que culminou em um disco ao vivo e em um álbum inédito. “Aguaplano”, de 1987, coloca-o definitivamente na estrada, com shows na Áustria, Bélgica, Canadá, Grécia, Holanda, entre outros países. A turnê incluiu ainda uma apresentação na casa Blue Note, famoso reduto do jazz em Nova York.

Um ano antes, o cantor tivera sua estréia em palcos brasileiros, em um hotel de luxo na capital paulista. “Fui com uns amigos e fiquei tão alucinada que tive de vê-lo nos dois dias. Pedi para falar com ele”, recorda Zuleika. Ela aproximou-se do ídolo enquanto ele estava no bar do hotel, aguardando o início do show. Simpático, Conte pediu que o procurasse após a apresentação, e ela acabou sendo convidada a acompanhar o artista e seu *entourage* durante um jantar. “Ele foi super-receptivo. Sentei do lado dele e conversamos por quase uma hora e meia”, lembra ela, que aproveitou para falar sobre suas pesquisas a respeito da cultura italiana no Brasil.

Segundo a fã e historiadora, a identificação entre o trabalho de Conte e os fãs acontece por um motivo simples. “Ele é muito inteligente, e aliou isso ao espírito crítico sobre o cotidiano. Quando sai do senso comum, tem o sucesso garantido. Ele é uma espécie de Chico Buarque”, aponta.

As letras de Conte chegam a ser consideradas poemas musicados. Seu talento como escritor foi oficialmente reconhecido no dia 30 de setembro de 1991, quando recebeu o prêmio *Librex-Guggenheim* na categoria “versos para música”.

“Una faccia in prestito”, lançado em 1995, foi apontado como seu álbum mais maduro. O disco traz, com esmero, a mistura de ritmos e as invenções linguísticas, marcas registradas de seu repertório. Os versos são comumente compostos por *scats* - técnica bastante utilizada no jazz, em que o vocalista utiliza-se de sílabas ou palavras sem sentido para alcançar os sons desejados. Por exemplo, em “Come Di”, marcada por *uá-uás* e *bás*; “Via con me”, pontilhada de *du-dus* e *bums*; e “Bartali”, recheada de *zá-zás*.

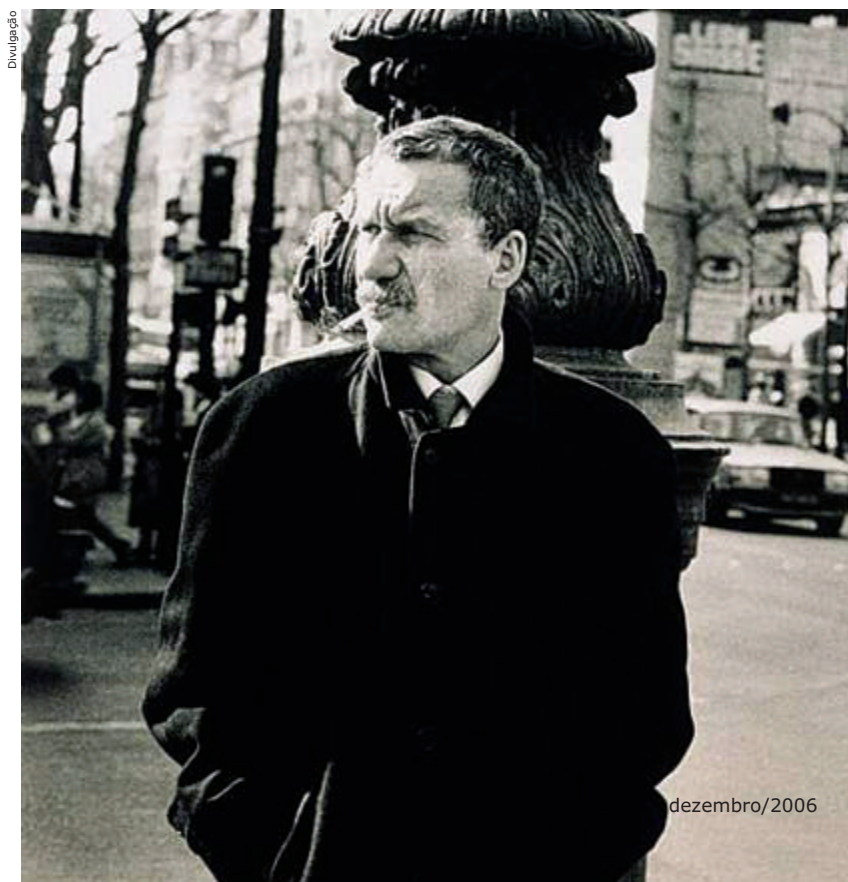
No ano seguinte, lançou na Europa sua primeira coletânea, “The best of Paolo Conte”, reunindo

vinte das principais músicas de sua carreira. A seguir, um segundo disco ao vivo chegou às prateleiras.

Em 2000, o músico partiu para um trabalho inusitado, mas por ele planejado há décadas. Decidiu colocar em prática, e aos olhos e ouvidos do público, sua outra paixão: a pintura. Conte reuniu 1.800 ilustrações a um repertório de músicas em inglês e francês no DVD “Razmataz”, um vídeoópera que narra o encontro da nova música com a Europa de 1920. O ponto central da obra, marcada por influências do dadaísmo, cubismo e futurismo, é Paris. A viagem de Conte, no entanto, passa por diferentes capitais, retratando estilistas, esportistas, burguesia etc. A sonoplastia incluiu diálogos, monólogos e, claro, música - seja ela tocada ao vivo ou utilizada apenas em segundo plano, conferindo densidade às histórias.

Após outros trabalhos, entre os quais os discos “Reveries” (2003) e “Elegia” (2004), além de um CD duplo e um DVD gravado na Arena di Verona, Paolo Conte lançou no fim do primeiro semestre de 2006 o box “Wonderful”. O álbum triplo inclui 50 sucessos coletados de seus primeiros cinco lançamentos: “Paolo Conte” (1974), “Paolo Conte” (1975), “Un gelato al limon” (1979), “Paris milonga” (1980) e “Appunti di viaggio” (1982). Assim, o músico comemora 32 anos de uma carreira em constante expansão, pronto para novas coletâneas e inéditos. 📖

O semblante fechado é só fachada, e se desfaz com a aproximação de fãs e admiradores.



Divulgação